

AGUSTINA BESSA-LUÍS

Entrevistada por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO

Uma senhora das letras portuguesas.

Interrogada sobre o Portugal de hoje, responde:

«Os jovens sentem-se inseguros e essa insegurança está constantemente a ser compensada por uma festividade, uma sociedade-espectáculo. Jovens e menos jovens são convidados a considerar o mundo como um lugar de diversão. E o mundo e a vida não são assim.»

Ao fim de mais de sessenta livros e mais de meio século de escrita a literatura é o seu próprio rosto?

O meu rosto, a minha vocação, o meu destino.

Destino que passa pela busca de transcendência?

Nunca senti necessidade de criar uma estética que tenha o significado de transcendência. Fui observando, sentindo e interpretando dentro das condições da minha cultura e da minha vida em sociedade. Tenho um sentimento profundo não confessável.

Sentimento católico, cristão?

Cristão. Nasci na religião católica.

Uma fé de tradição ou por ter encontrado essa fé dentro de si?

Não é difícil encontrar-me com essa fé porque nos revela a transição da natureza humana e introduz na relação humana o princípio da compaixão.

E o seu fascínio pelas religiões orientais?

Sobretudo pelo budismo que personifica um belíssimo estado de pureza e de renúncia, contudo sinto-me mais próxima do cristianismo até como cultura ligada ao Velho Testamento.

A trilogia literária *O Princípio da Incerteza* reafirma a «paixão da incerteza» na sua obra. A «incerteza» é uma maneira de fugir à finitude do Ser?

Para mim, o Ser é infinito, tem uma história que se desenvolve mas sem remate. É uma trilogia tocada pela asa da incerteza.

Com *Joia de Família* (primeiro livro dessa trilogia) venceu o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores, que já havia conquistado com *Os Meninos de Ouro*. Foi-lhe grata mais uma distinção?

Com certeza. Como toda a gente, o primeiro desejo em relação aos prémios é ganhá-los; o segundo, no meu caso, é revê-los como um pequeno desaire, dado que um prémio deve obrigar a uma pausa

para se analisar a obra de forma isenta, inclusive isenta da sua glória ser pequena ou grande.

A exuberância semântica da sua escrita traduz uma fúria contra a superficialidade?

Não sei mesmo se as fúrias gregas não seriam uma manifestação no sentido de corrigir a nossa indolência e a nossa maneira precária de viver...

Procura que os seus livros sejam um meio de esclarecimento?

Um desejo de esclarecimento apesar de eu estar do lado do segredo na medida em que o tempo não é propício à revelação.

Alguma revelação que não tenha passado ainda à sua escrita?

Só posso fazer uma revelação daquilo para que tenha linguagem. Quando há uma verdade para a qual não temos linguagem, o mistério persiste.

A paixão que sente pelo policial liga-se ao mistério?

Tem mais que ver com o gosto pelo mistério do que pelo tenebroso. É uma filosofia levada a outro campo; o filósofo persegue o esclarecimento da vida e do homem.

Kant advoga que o Homem está longe de saber quem é...

Quando o homem souber quem é já não será um homem, estará equiparado aos deuses. Há hoje uma preparação maior para o conhecimento, mas cada aproximação ao conhecimento levanta mais desconhecimento. Por isso, a descoberta ao mesmo tempo que é inquietante é apaixonante.

Escrita: um processo de cristalização de muitas solidões?

Com a idade estou a parecer-me com uma tia minha muito tagarela. Apavorava-me vê-la horas a falar. Agora agrada-me a conversa, encho a casa de conversas nem que seja com os gatos.

Ao vê-la receber o Prémio da APE senti-lhe emoção nos olhos e na voz. Está mais próxima da ternura?

Não sou muito terna, deve ser o meu lado castelhano. Há, porém, uma compreensão e doçura em relação às situações. A emoção pode ser a emoção do maior criminoso. O verdadeiro fado é o fado do cadastrado que faz poemas com emoção até às lágrimas

O fado não tem dado cada vez mais voz a grandes poetas?

Para mim, o verdadeiro fado é o fado do cadastrado.

Não estou a vê-la uma criminosa ao emocionar-se...

De maneira nenhuma, a não ser nos livros, aí sou capaz de tudo.

Porquê a sua animosidade relativamente aos poetas?

A animosidade que tenho vou dizê-la de uma vez para sempre. Maomé detestava poesia. A maior poesia mundial é oriental, mas na poesia não há pensamento, há palavras. É a arte da sensualidade e da colocação das palavras. Um pensador oriental diz: *se me dedicasse à poesia seria uma verdadeira torrente de pérolas.*

Poesia é criatividade, emoção, indissociáveis do pensamento...

O grande pensamento não tem emoção. Leia os poetas árabes e compreenderá. Nada de mais belo do que um poema de amor de um árabe.

Só dos árabes?

É uma natureza poética deles. Nos poetas árabes há uma linha muito fina entre emoção e qualquer coisa que já não se entende o que seja mas que não é pensamento. Como lhe digo, estou do lado do Maomé.

Camões, Baudelaire, Goethe, Eugénio, Pascoaes são umas cabeças de vento?

São grandes poetas, ainda bem que existem.

O lado poético da sua prosa não tem pensamento?

Valorizo-o menos. A poesia aparece na minha prosa quando não tenho mais nada a dizer. É uma concessão que faço aos leitores: consolem-se e regalem-se com estas bonitas frases. Existe uma plasticidade, sem dúvida, e até pode ser original.

Nunca fez um poema?

Para aí aos 12 anos, exercícios de como quem diz: também sou capaz de fazer um soneto.

Em que medida a plasticidade dos seus romances sofre influências de Camilo e de Bernardim Ribeiro?

Aprecio a sabedoria nostálgica de Bernardim, muito portuguesa. Considero *Menina e Moça* o maior livro da nossa literatura.

Alia as sabedorias bucólica de Bernardim e a satírica de Gogol?

Gosto também muito de Gogol. Existe uma espécie de laço familiar entre nós, mais nas cenas de província; tem coisas espantosas e não foi muito querido justamente porque se delicia com o lado burlesco das situações.

Dá-lhe igualmente gozo o lado burlesco da sua narrativa?

Como a todo o artista; a escrita é também uma forma de mania. O riso é criação.

O jeito muito rendilhado de trabalhar o texto e a teia romanesca traduz os labirintos da alma?

Já tenho menos personagens e o rendilhado vai desaparecendo. O rendilhado é o que se chama barroco e tem que ver com a profusão de coisas que nos rodeiam.

Uma aparente desordem é o caos vital à progressão na interioridade humana?

Essa desordem tem que ver com a indiferença por um estilo e por não estar presa ao tema.

Não se perde no meio de tantas personagens dos seus livros?

Não. O haver muitas personagens é pelo facto de existirem na minha memória. Há um autor chinês, dos maiores escritores do mundo, Cao Xueqin, que escreveu *O Sonho no Pavilhão Vermelho* com 448 personagens que passam por um mundo sobretudo de mulheres numa casa senhorial. Uma delícia lê-lo.

Quando se diz não ser fácil entrar nos seus livros, isso incomoda-a?

Não me incomoda nada. E recomendo logo o Cao Xueqin. Hoje não há o grande escritor, tivemos Aquilino, Torga. Atualmente aparecem setecentos livros na *rentrée* mas não encontramos o grande escritor.

A intensidade da sua escrita procura incomodar?

É uma pequena guerra não cruenta. Da inquietação pode vir uma descoberta e uma reflexão. Se uma pessoa cristaliza nas suas convicções e na sua cultura não avança. A escrita deve inquietar.

Que flores gostaria de oferecer aos seus leitores?

A minha mãe ensinou-me a não cortar flores.



Quem é Agustina?

Uma pessoa divertida, com facilidade de relacionamento comigo e com os outros.

Uma pessoa de ação?

Podia ser se não fosse escritora. Quando falo de homem de ação penso, por exemplo, num Alexandre da Macedónia.

Um escritor não poderá ser um transformador de mentalidades?

Não acredito.

Por que tem escrito tanto?

Há escritores com obras extraordinárias e as mudanças que causaram foram pouquíssimas, quando muito ilustram uma época. Ao citarmos Dostoievski ou Tolstoi ou Kafka sentimos orgulho de pertencer à raça humana porque foram brilhantes.

Nunca sentiu transformações em si mesma?

Tenho-me mantido com uma lucidez aguda e de certa maneira antipática. Quando era nova, sempre que desejava introduzir uma conversa muito firme e com a sua dinâmica própria perante as realidades, era impedida.

Teve um irmão. Os seus pais educaram rapaz e rapariga de maneiras diferentes?

O homem era preparado para sustentar a família e a rapariga seria aquela que, quando muito, levaria um dote. Na sociedade campesina do século XIX ao nascer uma rapariga era como se caísse uma trave em casa. A visão sobre a mulher só se modifica no momento em que começa a ser um elemento de enriquecimento e auxiliar da vida de família.

Na sociedade atual, homem e mulher não enfrentam os mesmos problemas e conflitos?

Penso que não. A transformação da mulher dá-se por estar mais voltada para o papel que era do homem: ganhar dinheiro e ter a sua independência; está mais segura de um papel na sociedade, mais reivindicativa e não se sente obrigada a ser cortês. O homem era cortês para temperar o papel de mando que lhe cabia.

Há uma perda de feminilidade?

A mulher ainda tem a sedução como uma forma de sucesso.

Agustina, sempre sedutora?

Nunca tive esse conhecimento. Havia um desprendimento total.

Desprendimento do amor?

Não do amor mas dos efeitos da minha existência e da minha participação na vida de sociedade. Há nisso um lado de inocência porventura não vulgar, mas ousava outras atitudes, como, por exemplo, pôr um anúncio para encontrar alguém agradável com quem trocasse ideias.

Por que são as suas personagens femininas mais fortes do que as masculinas?

Conheci-as assim. A fraqueza do homem é ser mais convencido.

Os seus leitores são mais mulheres ou homens?

Passaram a ser mais homens, uma nova geração entre os 30 e os 40 anos.

A história que tanto a apaixonava na efabulação, mesmo quando recriada, é uma forma de celebrar a memória?

Uma coisa que me faz acreditar na eternidade é corrigir lapsos da história e poder conhecer pessoas de outras épocas, uma delas é Cao Xueqin, quero encontrá-lo e ao Gogol também.

Crê num encontro cósmico?

Sinto-me acompanhada por essas presenças. Por isso me tornei tagarela. Diz-se que, em geral, quem fala muito esconde alguma coisa. Há em mim esse lado mais profundo, esse lado de convivência que não se pode narrar.

E sabe o que esconde?

Escondo essa gente toda, sombras que se manifestam.

Gostaria que a sua imagem ficasse sempre envolvida nesse enigma de si?

Não me sinto enigmática. Sou, até, esquemática mas guardo as sombras que todos temos.

Acredita em extraterrestres?

Stephen King é que me podia auxiliar nesta resposta! Ele é apaixonado por extraterrestres.

Com os aforismos que abundam na sua obra procura transmitir sabedoria ou pretende que sejam sentenciosos?

Não são sentenciosos. Aparecem como conclusão de uma situação que às vezes se arrasta.

Costuma dizer que pensar é o ato mais violento do ser humano. Felizes os que não pensam ou os que sabem pensar?

Felizes os que sabem pensar sem serem muito reconhecidos. Se a pessoa se torna conhecida pelo seu pensamento esse pensamento começa a ser interpretado e cria-se uma desconfiança em relação a essa pessoa, e daí a tornar-se num inimigo público é fácil.

Razão para a sua escrita baralhar ideias, prevenindo a exposição do seu pensamento?

Uma atitude de prudência. Freud não dizia tudo quanto descobria porque perderia a clientela.

Quem pensa que irão ser os seus leitores futuros?

Não faço ideia, nem sei como a cultura irá evoluir.

Qual o lugar do livro num tempo dominado por uma informação veloz e asfixiante?

O leitor pode reter o lado mais original do livro, os efeitos de adorno que são um fator de sedução.

O final dos seus livros, quase sempre inclusivo, significa a impossibilidade de se concluir na vida o que quer que seja?

Assim como acabo um livro e algo fica por dizer, na vida dá-se a mesma coisa. Não é grave.

Toda a obra é efémera?

Nada é imortal.

Escreve para fugir de medos?

O medo é uma sensação que nos acompanha desde que nascemos, uma proteção; mas tenho uma natureza corajosa. Sou destemida embora não provocadora de situações perigosas.

Gosta de viajar?

Muito. Gosto do anonimato numa cidade onde, mesmo que calce os sapatos trocados, como já aconteceu, não tem importância.



Como se sente entre os seus pares literários? Amada por uns, menos querida por outros, consegue manter-se serena?

Serena. Não sinto grande necessidade de me aproximar. Não convivo muito com ninguém, tirando o meu marido, um grande companheiro. Desejo que as pessoas sejam todas muito felizes e não precisem de mim. O meu ideal de convivência é esse.

Tem romances ligados ao cinema em particular pela mão de Manoel de Oliveira. Como escritora e espetadora prefere o teatro ou o cinema?

Não sou em especial escritora de teatro. Se houvesse um elenco e eu participasse desse elenco...

Gostava de ser atriz?

Tenho alguma vocação desde miúda, não uma vocação total. Mas gosto do teatro, gosto do palco, gosto das palmas. Ainda hoje, quando falo em alguns lugares, há uma parte teatral, um lado histriónico.

Nunca sentiu traída pelo cinema a essência dos seus livros?

Gostaria de cooperar mais mas compreendo que os cineastas têm as suas técnicas para adaptação de uma obra e nunca senti traída a substância de um livro meu adaptado ao cinema; por vezes é superado com o efeito da imagem.

Assumi alguns cargos, nomeadamente dirigiu o D. Maria II. De nada se arrepende?

Aceitei o cargo de diretora do Teatro D. Maria II de uma maneira ingénua. Não sabia o que ia encontrar e, de facto, absorvia-me muito tempo; a ociosidade de que necessito para escrever ficava comprometida. Foi um cargo ocasional mas uma época bonita apesar de tudo.

Vive entre duas personagens da sua vasta obra, Sibila, logo das primeiras, envolvida pela generosidade, e a mais recente, Alfreda, que espera uma revelação superior?

Há uma identificação, no entanto esse algo superior não está no altar mas sim na terra. Tive a certo momento um conhecimento terrível de que se uma dada revelação se aproximasse da natureza humana podia provocar um terror tal que, de algum modo, se explica o facto de não estar presente.

Quando defende que o sexo é a única matéria inteligente na natureza...

Será muito escandaloso dizer isso mas é verdade. A frase é essa e não se lhe pode dar voltas. A estrutura do pensamento humano gira em volta dessa energia que é o sexo, não exatamente enquanto ato sexual ou de procriação, sim no sentido de criação, de energia humana ou cósmica, a criação para além do biológico, forma total de inteligência.

Diz-se que os anjos não têm sexo. Não são inteligentes?

Estão para além do biológico, criados no estado mais puro, no da sexualidade perfeita. A perfeição é essa forma angelical tal como a podemos imaginar.



Tomou posições de apoio a políticos de ideologias opostas. Como se define face à política?

As pessoas devem mostrar-se livres sem terem de ser da esquerda ou da direita. E achei que seriam necessários equilíbrios.

Como sente o Portugal de hoje?

Vive-se por meio de compensações, não só em Portugal. Os jovens sentem-se inseguros e essa insegurança está constantemente a ser compensada por uma festividade, uma sociedade-espectáculo. Jovens e menos jovens são convidados a considerar o mundo como um lugar de diversão. E o mundo e a vida não são assim.

As Nações Unidas afirmam: Portugal mantém o menor índice de desenvolvimento humano em toda a Europa. Que País é este?

Pergunto: que juízos são esses, o que é um índice de desenvolvimento? Vemos noutros países ditos desenvolvidos certos efeitos de desenvolvimento que são situações de barbárie. Acho Portugal profundamente civilizado.

O sentido cívico não depende da taxa de analfabetismo...

Quando eu era criança já havia analfabetismo.

Aí está, havia e continua a haver. Como progredir?

Há que saber o que é desenvolvimento humano. As províncias estão cheias de discotecas e não quer dizer que tenham melhorado. Incute-se nos jovens o estrelato e nem sequer é essa a natureza do português.

Que falta à alma dos ricos num mundo em que aumenta o número de pobres?

Deviam ser os ricos os mais evangelizados.